

# O tempo e o espaço nos anos iniciais do Ensino Fundamental: dialogando com a História e a Geografia

*Derocina Alves Campos Sosa\**

## Resumo

O tempo e o espaço nos anos iniciais do Ensino Fundamental: dialogando com a História e a Geografia visa reconhecer como esses temas são trabalhados nesses primeiros anos da vida escolar dos estudantes. É o tempo da construção do sujeito-cidadão, na medida em que os alunos se reconhecem e são reconhecidos como seres históricos inseridos em um meio geográfico que interagem com os demais sujeitos sociais. Essa discussão está prevista hoje no texto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que passou desde 2017 a nortear os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula. Através das leituras sobre ensino de História e Geografia nos anos iniciais, passando pela análise dos currículos, podemos identificar alguns elementos que estão presentes nessa aprendizagem e de como ela, a aprendizagem será importante elemento de reafirmação do sujeito históricos e do sujeito geográfico na sociedade.

**Palavras-chave:** História; Geografia; Ensino.

## Time and Space in the Early Years of Teaching Fundamental: Dialoguing with History and Geography

### Abstract

Time and space in the early years of Elementary School: dialoguing with History and Geography aims to recognize how these themes are worked on in these first years of students' school life. It is the time for the construction of the subject-citizen, as students recognize themselves and are recognized as historical beings inserted in a geographic environment that interact with

---

\* Doutora em História das Sociedades Ibéricas e Americanas- PUCRS. Universidade Federal de Rio Grande (FURG) [derocinacampos@hotmail.com](mailto:derocinacampos@hotmail.com).

other social subjects. This discussion is foreseen today in the text of the National Common Curricular Base (BNCC), which since 2017 has been guiding the contents to be worked on in the classroom. Through the readings on teaching History and Geography in the early years, through the analysis of the curricula, we can identify some elements that are present in this learning and how it, learning will be an important element of reaffirmation of the historical subject and the geographic subject in society.

**Keywords:** History; Geography; Teaching.

## Tiempo y Espacio en los Primeros Años de Enseñanza Fundamental: dialogar con Historia y Geografía

### Resumen

Tiempo y espacio en los primeros años de la Escuela Primaria: dialogando con la Historia y la Geografía tiene como objetivo reconocer cómo se trabajan estos temas en estos primeros años de vida escolar de los estudiantes. Es el momento de la construcción del sujeto-ciudadano, en la medida que los estudiantes se reconocen y son reconocidos como seres históricos insertos en un entorno geográfico que interactúan con otros sujetos sociales. Esta discusión está prevista hoy en el texto de la Base Curricular Común Nacional (BNCC), que desde 2017 orienta los contenidos a trabajar en las aulas. A través de las lecturas sobre la enseñanza de Historia y Geografía en los primeros años, a través del análisis de los planes de estudio, podemos identificar algunos elementos que están presentes en este aprendizaje y cómo éste, el aprendizaje será un elemento importante de reaffirmación de la asignatura histórica y geográfica. sujeto en la sociedad. Palabras clave: Historia; Geografía; Docencia.

### Considerações Iniciais

A análise aqui apresentada é fruto de uma série de investigações no campo do ensino de História e Geografia que parte das leituras específicas sobre o assunto acrescido da experiência com os Estágios Supervisionados em História principalmente com os estagiários que trabalham com o 6º ano do Ensino Fundamental e as pesquisas que desenvolvemos ao longo dos últimos anos. Esses estagiários tem relatado suas experiências, as dificuldades que encontram para trabalhar especificamente com o conteúdo de Histó-

ria, isto porque os alunos vem da etapa anterior com noções muito gerais da História e, que devido ao grande número de conteúdos que precisam ser desenvolvidos e com alguns conceitos ainda fragmentados, o ensino de História se torna por vezes, cansativo e, descontextualizado.

Sabemos que a História é trabalhada nos anos iniciais junto com a Geografia, nos chamados Estudos Sociais, portanto as noções de *tempo* e *espaço* devem ser construídas com os alunos de forma de cheguem às séries seguintes com alguns conceitos bem definidos, o que irá contribuir sobremaneira para o envolvimento com os temas propostos por essas duas disciplinas.

Os alunos quando chegam aos anos seguintes apresentam dificuldades como já foi posto, isso nos inquieta enquanto professores e nos faz perceber que os estudos tanto da História quanto da Geografia não devem começar apenas na segunda metade do Ensino Fundamental, ou seja, o envolvimento dos profissionais dessas duas áreas tem que começar antes, dito de outra forma, é necessário que se estabeleça um diálogo profícuo com os profissionais dos anos iniciais que trabalham com o ensino dos chamados Estudos Sociais (que compreende a História e a Geografia) para que então se possam construir as bases de uma aprendizagem que valorize os conhecimentos colocados por ambas as disciplinas. Sobre a introdução dos Estudos Sociais na escola, Circe Bittencourt reforça que eles:

mesclando Sociologia, História e Geografia, tinham como meta formar “cidadãos” adaptados ao meio para desempenhos produtivos na vida comunitária, no sentido de se inserir e reforçar o sistema. Os Estudos sociais, ao colocarem como objetivo o incentivo à interferência dos indivíduos na realidade social vivida, possuíam como pressuposto a intenção de aperfeiçoar o sistema existente, ou seja, mudar para dar continuidade (BITTENCOURT, 1998:21)

Esse estudo ou Ensino integrado permaneceu nos anos iniciais do Ensino Fundamental em que o profissional geralmente pedagogo trabalha com essas disciplinas.

Por outro lado, essa função e preparação para os anos seguintes é destacada muito fortemente na atual BNCC que estabelece o compromisso com o despertar crítico dos alunos e com a formação da cidadania para além da cidadania política, almejando alcançar a cidadania social.

A BNCC nos apresenta no seu texto dedicado aos anos iniciais que, nesse período escolar:

Ampliam-se também as experiências para o desenvolvimento da oralidade e dos processos de percepção, compreensão e representação, elementos importantes para a apropriação do sistema de escrita alfabética e de outros sistemas de representação, como os signos matemáticos, os registros artísticos, midiáticos e científicos e as formas de representação do tempo e do espaço. Os alunos se deparam com uma variedade de situações que envolvem conceitos e fazeres científicos, desenvolvendo observações, análises, argumentações e potencializando descobertas. (O ensino fundamental no contexto da Educação Básica in BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018).

Especialmente sobre os conhecimentos de História e Geografia ou dos conceitos que essas áreas trabalham, observamos o seguinte no texto da mesma BNCC:

As experiências das crianças em seu contexto familiar, social e cultural, suas memórias, seu pertencimento a um grupo e sua interação com as mais diversas tecnologias de informação e comunicação são fontes que estimulam sua curiosidade e a formulação de perguntas. O estímulo ao pensamento criativo, lógico e crítico, por meio da construção e do fortalecimento da capacidade de fazer perguntas e de avaliar respostas, de argumentar, de interagir com diversas produções culturais, de fazer uso de tecnologias de informação e comunicação, possibilita aos alunos ampliar sua compreensão de si mesmos, do mundo natural e social, das relações dos seres humanos entre si e com a natureza. (idem)

Essas orientações acima já apontam para o desenvolvimento do pensamento crítico a partir do pertencimento a um tempo e a um espaço. Assim, o “eu” no tempo e no espaço interage com outros sujeitos do mesmo tempo e espaço e começa a reconhecer

outros sujeitos de outros tempos e outros espaços, alargando assim as capacidades de reconhecimento das potencialidades desses outros sujeitos que mesmo diferentes precisam ser reconhecidos e valorizados. Aqui já encaminhamos, nessa etapa da aprendizagem, ideias de alteridade e respeito às diversidades que contribuem para a construção da cidadania dos alunos.

Quando avançam para os anos seguintes já terão absorvido esses conceitos que serão aprofundados pelos professores, agora já formados especificamente em História e Geografia.

Na intenção de perceber mais claramente as dificuldades dos professores e dos alunos do 6º ano com os conteúdos especialmente de História, realizamos há algum tempo atrás uma pesquisa para que pudéssemos, tendo contato mais direto com a realidade escolar, diagnosticar as dificuldades encontradas por alunos e professores com a História e a Geografia enquanto Ciências.

Realizamos uma pesquisa com questões pré elaboradas com professores que nos sinalizou continuidades no encaminhamento dos conteúdos e dos conceitos trabalhados nessas duas disciplinas, mas também certa descontinuidade, isso levando principalmente em conta que até o 5º ou 4º ano dependendo da escola, os alunos tem aulas com professores formados em Pedagogia e nos anos seguintes já com professores formados em História ou em Geografia.

O turno das aulas, geralmente os alunos do Ensino Fundamental I tem aulas no turno inverso do Fundamental II, inviabiliza assim um contato maior entre eles e entre os professores desses dois níveis de ensino. Certo pois que, isso por si só não explicaria em algum grau o afastamento dos conteúdos ensinados, mas dificulta a conexão dentro do ambiente escolar.

## A importância do ensino da História e da Geografia nos anos iniciais

As discussões sobre a melhoria na qualidade do ensino é hoje uma necessidade que envolve a todos nós profissionais da Educação, preocupados com a formação dos futuros professores

que atuarão na Educação Básica e Superior. Mais especificamente sobre a Educação Básica, muitas perspectivas estão sendo apontadas, não somente pelo poder público, mas pelo envolvimento dos profissionais que constantemente avaliam currículos que resultam nas reestruturações dos cursos de Licenciatura. Especificamente na área das Ciências Humanas, os conteúdos de História e Geografia têm merecido, por parte dos professores-pesquisadores, muitos avanços que resultam em publicações que lançam olhares sobre novos problemas da cotidianidade escolar ou de como o ensino especificamente nas duas disciplinas em tela tem se modificado.

Os professores saem dos cursos de Licenciatura para atuarem nas Escolas a partir da segunda metade do Ensino Fundamental. Teorias e práticas tentam se acomodar nesse cenário que é a Escola. A dificuldade maior está em desenvolver na prática, as teorias estudadas nos cursos de Licenciatura, quando os professores se deparam com os alunos que tiveram noções muito tênues sobre a História e a Geografia ou sobre Tempo e Espaço nos anos iniciais. Os fios condutores que irão levar os alunos, nas etapas seguintes, ao desvelamento de conceitos e temas dessas duas disciplinas, exigirão um estado de abstração um pouco maior.

A temática aqui resulta dessas inquietações, ou seja, como são trabalhados os conceitos mais elementares da História e da Geografia, qual sejam o Tempo e o Espaço, de que maneira os professores introduzem os alunos nessas temáticas? Como eles, os alunos são despertados para a compreensão desses conceitos? Essas relações que se estabelecem nos anos iniciais serão percebidas nos anos seguintes? Que tipo de recursos didáticos os professores utilizam para despertar nos alunos o gosto e envolvimento com essas disciplinas?

Como já observamos, os professores dos anos iniciais são formados em Pedagogia, tem na sua formação a Metodologia do Ensino de Estudos Sociais, que é uma das Metodologias aprendidas. Isso explica em parte as dificuldades desses profissionais que estudaram sobre o Ensino de Estudos Sociais, de maneira insu-

ficiente, porque tem que atender também o Ensino de Ciências, Matemática, Língua Portuguesa e Artes, por exemplo.

Ao mesmo tempo percebemos dificuldades no professor que fica na outra ponta do processo, ou seja, aquele que tem a formação específica, mas não dialoga com o professor dos anos iniciais e precisa mostrar aos seus alunos a importância de estudar História e Geografia na mesma proporção de estudar as outras disciplinas.

Dessa forma, percebemos a necessidade de reconhecer os profissionais envolvidos, o tipo de formação que apresentam, os currículos que desenvolvem nessas etapas, os conceitos que são trabalhados e a forma como são trabalhados. Entender como os alunos dos anos iniciais se relacionam com a História e a Geografia e que valores atribuem às disciplinas nas suas grades curriculares é o ponto central que representa um grande desafio para nós professores dos cursos de Licenciatura.

Hoje muitos estudos focam essas questões sem, no entanto, estabelecer uma relação direta com os anos iniciais do Ensino Fundamental. Sobre a História e as suas formas de ensiná-la, algumas vertentes entendem a História como o estudo da experiência humana no tempo (Thompson,1981). Essa permite entender que a História estuda a vida de todos os homens e mulheres, com a preocupação de recuperar o sentido de experiências individuais e coletivas.

Outros autores tem atravessado essa perspectiva no sentido de valorizar toda e qualquer experiência vivida, ao sabor da Nova História Cultural. Esse pode ser um dos principais critérios para a seleção dos conteúdos e sua organização em temas a serem ensinados com o objetivo de contribuir para a formação de consciências individuais e coletivas em uma perspectiva crítica.

De acordo com Freire (1970), na formação da consciência crítica é necessário que a injustiça seja percebida claramente pela consciência, possibilitando aos sujeitos se inserirem no processo histórico e fazendo com que eles se inscrevam na busca de sua afirmação. Ademais afirma o autor, a consciência crítica possibilita a inscrição dos sujeitos na realidade para melhor conhecê-la e trans-

formá-la, formando esse sujeito para enfrentar, ouvir e desvelar o mundo procurando o encontro com o outro, estabelecendo um diálogo do qual resulta o saber. Assim os homens:

desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem a si mesmo com problema. Descobrem que sabem pouco de si(...) e se fazem problema eles mesmos. Indagam, respondem e suas respostas os levam a novas perguntas (FREIRE in ABUD,2003).

Dessa forma, os estudos Culturais nos apresentam problemas aos quais procuramos respostas que nos levam a outros problemas que vão repercutindo no ensino e que, por sua vez resultam na compreensão do ensino escolar como um todo, pois na verdade temos um ensino integrado nos anos iniciais que, vai se diferenciando nas etapas seguintes, de forma que essa compartimentalização enfraquece os elans da interdisciplinaridade que entendemos como primordial para o ensino.

Sobre o ensino da Geografia, Lana Cavalcanti, defende que na relação cognitiva de crianças, jovens e adultos com o mundo, o raciocínio espacial é necessário, pois as práticas sociais cotidianas têm uma dimensão espacial, o que confere importância ao ensino de Geografia na escola; os alunos que estudam essa disciplina já possuem conhecimentos geográficos oriundos de sua relação direta e cotidiana com o espaço vivido; o desenvolvimento de um raciocínio espacial conceitual pelos alunos depende, embora não exclusivamente, de uma relação intersubjetiva no contexto escolar e de uma mediação semiótica.

Essas e outras orientações metodológicas têm sido atribuídas a uma visão socioconstrutivista do ensino, na qual se considera esse processo como construção/ reorganização dos conhecimentos prévios adquiridos pelo aluno. A afirmação anterior é uma premissa inicial que tem permitido formular uma série de desdobramentos para o ensino de Geografia: o aluno é o sujeito ativo de seu processo de formação e de desenvolvimento intelectual, afetivo e social; o professor tem o papel de mediador do processo de for-



mação do aluno; a mediação própria do trabalho do professor é a de favorecer/propiciar a inter-relação (encontro/confronto) entre sujeito (aluno) e o objeto de seu conhecimento (conteúdo escolar); nessa mediação, o saber do aluno é uma dimensão importante do seu processo de conhecimento (processo de ensino-aprendizagem).

Tratando sobre a perspectiva socioconstrutivista, Cavalcanti ainda esclarece que:

a perspectiva socioconstrutivista (...) concebe o ensino como uma intervenção intencional nos processos intelectuais, sociais e afetivos do aluno, buscando sua relação consciente e ativa com os objetos de conhecimento (...). Esse entendimento implica, resumidamente, afirmar que o objetivo maior do ensino é a construção do conhecimento pelo aluno, de modo que todas as ações devem estar voltadas para sua eficácia do ponto de vista dos resultados no conhecimento e desenvolvimento do aluno. Tais ações devem pôr o aluno, sujeito do processo, em atividade diante do meio externo, o qual deve ser 'inserido' no processo como objeto de conhecimento, ou seja, o aluno deve ter com esse meio, (que são os conteúdos escolares) uma relação ativa, uma espécie de desafio que o leve a um desejo de conhecê-lo. (CAVALCANTI, 2005:66)

Assim, os professores, ao ensinarem Geografia, necessitam despertar nos seus alunos a perspectiva da formação ou construção de um discurso que chamamos de Linguagem Geográfica que deve ser apreendida pelos educandos em uma perspectiva dialógica. A formação da consciência, das funções psicológicas superiores, ocorre, então, a partir da atividade do sujeito, com a ajuda de instrumentos socioculturais, que são os conteúdos externos, da realidade objetiva.

Segundo Baquero in Cavalcanti:

“os instrumentos de mediação são uma fonte de desenvolvimento e também de reorganização do funcionamento psicológico global: o desenvolvimento (...) quando se refere à constituição dos Processos Psicológicos Superiores, poderia ser descrito como a apropriação progressiva de novos instrumentos de mediação ou como o domínio de formas mais avançadas de iguais instrumentos (...) Esse domínio implica reorganizações psicológicas que indicariam, precisamente, progressos no desenvolvimento psi-

cológico. Progressos que (...) não significam a substituição de funções psicológicas por outras mais avançadas, mas, por uma espécie de integração dialética, as funções psicológicas mais avançadas reorganizam o funcionamento psicológico global variando fundamentalmente as inter-relações funcionais entre os diversos processos psicológicos”. (idem)

É, portanto, na produção sociocultural que o indivíduo se apropria de saberes e o reproduz tornando essa atividade rica em significados. Sujeitos e objetos se completam e o aprendizado surge a partir das experiências repassadas entre os seres.

De acordo com Pino citado também por Cavalcanti:

“Não é na mera manipulação de objetos que a criança vai descobrir a lógica dos conjuntos, das seriações e das classificações; mas é na convivência com os homens que ela descobrirá a razão que os levou a conceber e organizar dessa maneira as coisas. Evidentemente, nesse processo de apropriação cultural o papel mediador da linguagem (a fala e outros sistemas semióticos) é essencial”.

Dessa forma, o estudo da História e da Geografia deveria ser tratado nos anos iniciais de forma mais integrada, ou seja, que já apontasse para os anos seguintes, alguns conceitos, que serão depois aprofundados. No entanto, a maior dificuldade percebida é a falta de integração entre os professores dos anos iniciais e os dos anos seguintes. Sem um diálogo adequado, a transição dos alunos desses anos iniciais para os seguintes é bastante problemática.

## Algumas reflexões sobre os Anos Iniciais do Ensino Fundamental a partir da pesquisa realizada com a utilização da Metodologia da Problematização

Na análise a seguir mostramos a possibilidade de aplicação da Metodologia da Problematização para compreendermos o ensino e a pesquisa com História e Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Desenvolvemos uma pesquisa com os professores do Ensino fundamental e obtivemos algumas respostas à problemática que propusemos.

A partir das respostas dos professores identificamos as dificuldades dos educandos em trabalhar História e Geografia, apontadas por eles. Aplicamos a Metodologia da Problematização que parte da Etapas do Arco para estabelecer estágio que vão sendo cumpridos ao longo da pesquisa. A aplicação dessa metodologia começa com a identificação de um problema ou um conjunto de problemas através da observação da realidade vivida, da realidade concreta. Na etapa seguinte, partimos para a identificação dos pontos-chave que vão desembocar na etapa da Teorização quando buscamos complementar as informações com a pesquisa bibliográfica. Completada a etapa da teorização vamos seguir para a fase seguinte que é a elaboração das hipóteses de solução que passam a clarificar alguns pontos destacados nas etapas anteriores.

A última etapa do Arco é a da Aplicação à realidade onde segundo Berbel:

é uma etapa de prática, de ação concreta sobre a mesma realidade de onde foi extraído o problema(...) da realidade extraiu-se o problema, sobre o problema foi realizado o estudo, a investigação e toda uma discussão sobre os dados obtidos e, por fim volta-se para essa mesma realidade com ações que a possam transformar em algum grau. A finalidade maior é promover, através do estudo, uma transformação, mesmo que pequena, naquela parcela da realidade (BERBEL,1999:6).

Obviamente que quando propomos aplicar a Metodologia da Problematização, entendemos que os agentes do processo, qual sejam, os professores que fazem parte da aplicação do método na pesquisa são, juntamente com os alunos, os atores principais. Serão eles que também identificarão os problemas e participarão das etapas das soluções.

Sabemos, no entanto, que não existem soluções definitivas, essas apontam para novos problemas que resultarão em novas pesquisas e assim sucessivamente dando a exata dimensão do Arco que parte de um ponto, avança nas pesquisas e volta para a aplicação das respostas encontradas.

Assim, temas como a formação dos professores, o grau de comprometimento com o ensino de História e da Geografia, a construção e a utilização dos conceitos, os conhecimentos já adquiridos pelos alunos; foram considerados no levantamento e análise dos dados sobre esses anos. Essas questões, no entanto, tiveram caráter aberto, porque permitiram que outras questões pudessem surgir ao longo das entrevistas.

Os resultados obtidos com a pesquisa foram avaliados qualitativamente, ou seja, objetivamos reconhecer como as identidades Geográficas e Históricas foram se construindo a partir dos anos iniciais e, as entrevistas com os professores esclareceram alguns pontos importantes ao longo do processo. A pesquisa qualitativa que propusemos pretendeu fundamentalmente centrar seu foco de ação em discutir questões em torno das relações que os alunos do Ensino Fundamental estabelecem com as disciplinas de História e Geografia.

Dessa forma propusemos um conjunto de problemas que identificamos importantes quando tratamos das Ciências Humanas, notadamente História e Geografia nos anos iniciais quando essas, são identificadas como Estudos Sociais. Eles compreendiam os conceitos básicos desses dois campos do saber? Reconheciam a importância desses conhecimentos na sua cotidianidade? esses conceitos foram internalizados o suficiente para que pudessem perceber as múltiplas possibilidades de interação entre essas disciplinas e as demais no currículo do Ensino Fundamental? Esse conjunto de questões foi o norte que almejamos responder e certamente sabemos que não concluímos o processo, pelo contrário, abrimos novas possibilidades investigativas que necessitam avançar para as outras vertentes da pesquisa que são os currículos dos Cursos de Pedagogia, dos Cursos de Licenciatura em História e Geografia, além dos próprios currículos dos anos iniciais.

Reconhecer como o conhecimento é internalizado pelos alunos, passa principalmente pela formação dos professores, isto porque, não podemos ensinar aquilo que não aprendemos. Percebemos nas intervenções realizadas que a maior dificuldade encon-

trada pelos alunos que saem dos anos iniciais e adentram nos anos seguintes do ensino Fundamental II que foram percebidas pelos professores é a descontinuidade dos conteúdos, isso somado ao volume excessivo de conteúdos desenvolvido no 5º e 6º ano do Ensino Fundamental e a introdução de conceitos com um nível de abstração elevado para a idade deles.

Assim, concluímos que as disciplinas de História e Geografia ao longo do Ensino Fundamental precisariam estar melhor integradas, possibilitando um conhecimento mais eficiente e duradouro de ambas.

## Outras considerações para continuarmos refletindo

A História e a Geografia no Ensino fundamental são trabalhadas de maneira desconectada dos anos iniciais do ensino Fundamental, isso dificulta a interação necessária nos anos seguintes do Ensino Fundamental II. A pesquisa até aqui realizada demonstrou isso. É imperativo que alguns dos conceitos possam ser trabalhados já na infância.

É preciso, portanto, a formação de profissionais que reconheçam a integração dos conhecimentos aplicados nos anos iniciais com aqueles dos anos finais. Outra questão que reforçamos é a condição do professor em assumir a sua prática de educador mediada sempre pela prática da pesquisa. Ensino e pesquisa devem obrigatoriamente caminhar juntos desde os anos iniciais, não apenas como prática dos professores, mas como estímulo para os alunos construírem juntos, sua formação. Assim:

Educar pela pesquisa tem como condição essencial primeira que o profissional da Educação seja pesquisador, ou seja, maneje a pesquisa como princípio científico e educativo e tenha e a tenha como atitude cotidiana. Não é o caso de fazer dele um ‘pesquisador profissional’, sobretudo na educação básica, já que não a cultiva em si, mas como instrumento principal do processo educativo. Não se busca um ‘profissional da pesquisa’, mas um profissional da Educação pela pesquisa. Decorre, pois a necessidade de mudar a definição do professor como perito em aula, já que a aula que apenas ensina a copiar é absolutamente imperícia. (DEMO, 2005:2)

A participação dos alunos nesse processo é fundamental, pois são eles também, agentes da pesquisa. Estabelecemos dessa forma, a condição dos mesmos como partícipes do processo de construção do conhecimento, instigando neles a capacidade de questionamento através do reconhecimento da importância das suas participações na sociedade como construtores desse mesmo conhecimento.

Outra questão que levantamos para responder em parte os desafios que se colocaram ao longo da pesquisa e que responde em parte sobre a dificuldade dos alunos é o da necessidade dos profissionais professores em desenvolver a Educação Continuada de forma que os mesmos profissionais que atuam na Educação Básica estejam sempre atualizados com as informações referentes ao seu campo de trabalho. Isso demonstra maturidade intelectual suficiente para entender questões relevantes e atuais como: o Ensino de Ciências Humanas e os desafios propostos pelas novas tecnologias da informação e da comunicação; a interdisciplinaridade necessária entre os conteúdos de História e Geografia e desses com os demais componentes curriculares. Assim, concluímos que, ainda temos um longo caminho a percorrer.

## Referências

ABUD, Katia Maria. **A Construção de uma Didática da História**: algumas idéias sobre a utilização de filmes no ensino. São Paulo: Revista História, v.22 n.1 Franca,2003.

AISENBERG, B. y ALDEROQUI, S. **Didactica de las ciencias sociales**. Aportes y reflexiones. Buenos Aires: Paidós, 1994.

**Anais do II Encontro Perspectivas do Ensino de História** (1996) São Paulo: FEUSP, 1997.

**Anais do Seminário Perspectivas do Ensino de História**. (1988). São Paulo: FEUSP, 1988

ANDINA, María A. et alli. **Aprendizaje de las ciencias sociales**. Buenos Aires: Editorial El Ateneo, 1992. ANDRÉ, Marli. **O papel da Pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas: Papirus, 2001

BARCA, Isabel. **O pensamento histórico dos jovens. Ideias dos adolescentes acerca da provisoriedade da explicação histórica.** Trad. Manuela Cardoso. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2000.

BERBEL, Neusi Aparecida. **A Metodologia da Problematização.** Londrina: Edel, 1999

BITTENCOURT, Circe - Pátria, civilização e trabalho - o ensino de história nas escolas paulistas. São Paulo: Loyola, 1990. BITTENCOURT, Circe (org) **O saber histórico em sala de aula.** São Paulo: Contexto, 1997

\_\_\_\_\_. **O Saber histórico na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

CAVALCANTI, Lana. **Cad. Cedes,** Campinas, vol. 25, n. 66, p. 185-207, maio/ago. 2005

DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa.** 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.